

Rei e rainha negros e sua corte fotografados por Christiano Jr. entre 1864 e 1866 no Rio de Janeiro.  
Note a presença do espanta-moscas empunhado pelo rei, símbolo de poder em diferentes sociedades africanas.



## CAPÍTULO 1

### O que é reinado

Luana Lopes Cardoso\*  
e Paulo Dias

### O reinado no Brasil e em Minas Gerais

Uma grande parte dos africanos que chegaram ao Brasil, mesmo na situação de escravizados, organizaram-se em irmandades negras cristãs. Através das irmandades, eles promoviam cortejos de reis com música e dança que saíam às ruas nos dias de festa de alguns santos católicos. Esta é a origem dos grupos hoje conhecidos como congos, congadas ou congado<sup>1</sup>.

Há registros de congadas em municípios de dezesseis estados do Brasil: Pará, Espírito Santo, Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraná, Maranhão e Pernambuco<sup>2</sup>.

No Brasil colônia também era costume os membros desses cortejos de reis negros representarem, nas praças públicas, dramatizações denominadas *auto dos congos*. Nelas, dois soberanos africanos rivais trocavam embaixadas e depois se enfrentavam em batalhas. Dramatizações semelhantes, em que se intercalam danças e sequências teatrais, podem ser apreciadas até hoje em algumas localidades do Brasil, nos estados do Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Espírito Santo e Paraná, e nas cidades de Ilhabela e São Sebastião, no litoral norte de São Paulo<sup>3</sup>.

No entanto, a maior parte das congadas atuais no Brasil não possui partes teatralizadas, constituindo grupos de cortejo com cantos, instrumentos e dança que desempenham papéis rituais. Parte desses grupos se organiza em irmandades negras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito<sup>4</sup>. As festas das irmandades estão relacionadas aos rituais de coroação e sucessão de reis negros e ao culto desses santos padroeiros<sup>5</sup>.

Muitos grupos de cortejo já perderam o vínculo com as irmandades, embora prestem homenagem aos santos de devoção negra. Da família das congadas de cortejo, fazem parte os moçambiques de São Paulo e do Rio Grande do Sul, o catumbi de Santa Catarina, as bandas de congo do Espírito Santo, as congadas de Goiás, as diferentes *guardas* do congado mineiro, as taieiras e o cacumbi de Sergipe, as

\*Luana Lopes Cardoso é dançante da Guarda de Congo de São Benedito, filha de José Apolinário Cardoso e rainha do ano na festa do Reinado do Jatobá em 2013.





Cortejo da rainha na festa de coroação de reis negros, registrado no século XVIII pelo pintor italiano Carlos Julião. Nessa imagem, vemos a rainha protegida por uma umbela ou guarda-sol, símbolo de realeza africana que permanece até hoje nos maracatus de Pernambuco e nas festas de reinado em Minas Gerais. Notem também a presença de instrumentos musicais africanos como a marimba (à direita) junto a instrumentos europeus como a viola.

cambindas da Paraíba, o marambiré do Pará, entre outros. Também os famosos maracatus de Pernambuco, em sua origem, foram cortes de acompanhamento de reis negros ligados às irmandades do Rosário de Recife. Com o declínio das celebrações a Nossa Senhora do Rosário nessa cidade, os maracatus continuaram existindo como agremiações carnavalescas<sup>6</sup>.

Em Minas Gerais, os grupos, conhecidos como ternos, cortes ou guardas do congado, destacam-se de maneira especial no cenário brasileiro por sua quantidade, variedade e riqueza. Ternos, cortes ou guardas são os grupos formados por um líder, o capitão ou a capitã, os músicos e os dançantes, que saem em cortejos cantando e dançando para Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, escoltando seus reis e rainhas. Existem as guardas de congo, de moçambique, de marujo, de catopé, de caboclinho, de vilão e de cavaleiros de São Jorge. Cada um desses grupos canta, dança e toca um tipo de música, com instrumentos diferentes, além de usar vestimentas específicas<sup>7</sup>.

Com grande vitalidade, as festas de reinado e congado reúnem milhares de devotos e se realizam em inúmeras localidades mineiras, inclusive na região metropolitana de Belo Horizonte. A variedade de tipos de grupo no congado mineiro deve-se, talvez, ao fato de terem existido em Minas Gerais irmandades negras separadas por povos ou por regiões da África: povos vindos da região do Congo se uniam e formavam uma irmandade; o mesmo ocorria com povos vindos da região de Moçambique ou de Angola<sup>8</sup>.

Essa diversidade de povos, originários de lugares diferentes, contribuiu para a grande variedade de instrumentos musicais africanos presentes no Brasil, como é o caso dos tambores confeccionados com troncos de árvores, semelhantes aos da região do Congo e de Angola, e dos chocalhos de tornozelo, chamados de gungas, vindos de Moçambique<sup>9</sup>.

Em Minas Gerais, o congado é o conjunto constituído pelos diferentes tipos de guardas ou grupos de cortejo que, nas grandes festas religiosas, têm por função conduzir os rituais com seus cânticos, danças e *batidos* (toques) de tambor, nas ruas, diante das casas ou no interior de capelas e igrejas. A palavra *congado* diz respeito também à maneira como as guardas se relacionam, à divisão de funções rituais e às relações de hierarquia entre elas<sup>10</sup>.

O reinado é um grupo de pessoas que se organiza em torno de uma hierarquia formada por reis, rainhas e capitães, cumprindo determinadas funções rituais nos festejos, nos quais seus ancestrais e os santos de devoção são homenageados. Nos rituais do reinado mineiro, as almas dos antepassados, dos escravizados, dos fundadores das irmandades, dos reis e rainhas e dos capitães falecidos são lembradas e reverenciadas. No depoimento de vários membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, comenta-se que, durante a festa, os congadeiros sentem a presença espiritual dos fundadores e ancestrais que fizeram parte da história da Irmandade<sup>11</sup>.

## Diferença entre reinado e congado

João Lopes\*

*Fazer congado é muito fácil, agora, eu quero ver fazer reinado. Porque tem uma diferença muito grande do congado para o reinado. Congado significa todos os grupos afro-brasileiros reunidos, cantando e louvando a Virgem Maria: todas as tradições de guardas, como o congo, o catopé, o marinheiro, o marujo ou o vilão... Agora, para fazer reinado, se busca o fundamento, segundo a tradição contada pelos negros velhos, que eu preservo até hoje na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, daquilo que foi mostrado lá na beira do mar, quando a Virgem Maria apareceu para os negros para que eles adquirissem a sua liberdade. Por isso que negro velho tem fé no Ripungo de Manganá, que significa o Rosário de Maria.*

\*João Lopes, filho do capitão-mor Virgolino Mota e de dona Maria Geralda Ferreira, foi capitão-mor da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá de 1975 a 2004. Este depoimento foi transcrito de uma palestra de João Lopes, realizada na Semana da Música Popular Tradicional, no Itaú Cultural, de 10 a 14/05/2000 em São Paulo.

## A eleição de reis negros na América Latina

Paulo Dias e Maria Cristina Troncarelli\*

A organização dos africanos e seus descendentes em irmandades, também chamadas de confrarias ou associações, assim como as festas que comemoravam a eleição de reis negros, ocorreram não somente no Brasil, mas em diferentes países que receberam africanos escravizados. Há registros de confrarias de negros em Portugal desde 1460 e, em 1559, já havia uma lei que proibia a realização de festas de eleição de reis negros em Lisboa<sup>12</sup>. Documentos históricos mostram que africanos escravizados de diferentes povos nas Américas organizavam-se em associações próprias, escolhiam seus reis e faziam festas para a coroação destes, em países como o Haiti, Cuba, Colômbia, Venezuela, Peru, Uruguai, Argentina e Brasil<sup>13</sup>.

\*Maria Cristina Troncarelli é educadora, especialista em educação escolar indígena, membro da Associação Cultural Cachuera! e do Projeto Xingu/Unifesp, uma das organizadoras das oficinas e deste livro.

As colônias portuguesas e espanholas nas Américas haviam implantado em seus territórios formas de associação tipicamente europeias, como as corporações de ofícios profissionais e as irmandades e ordens religiosas<sup>14</sup>.

Pertencer a uma dessas associações era uma maneira de se inserir na sociedade colonial, e cada grupo social, étnico ou profissional tinha sua confraria. Entre as irmandades religiosas leigas, a do Santíssimo Sacramento era reservada aos brancos, a de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, aos negros, e a de Nossa Senhora das Mercês, aos mestiços<sup>15</sup>.

Os africanos escravizados rapidamente se adaptaram às irmandades. Buscando reconstruir suas vidas depois de terem sido arrancados à força de suas terras e passado pelo horror da travessia nos navios negreiros, desde os primeiros momentos de sua chegada às Américas eles procuraram se organizar em irmandades ou associações<sup>16</sup>.

## As irmandades negras e a coroação de reis negros no Brasil e em Minas Gerais

Ildefonso Mota\*



Coleta de esmolas para a manutenção da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Debret e Frères (1834-1839).

*Canta e dança crioulo,  
Sua força vem de Zambi, ô  
Amarrado no tronco  
Quando o branco me batia  
Chamava por Nossa Senhora  
Quando a pancada doía*

\*Ildefonso Mota, filho do capitão-mor Virgolino Mota e de dona Maria Geralda Ferreira, foi capitão-mor da Irmandade do Jatobá de 2008 a 2012.

As primeiras irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, congregando africanos escravizados e forros, foram registradas já em 1460 em Portugal<sup>17</sup>.

Em Minas Gerais existem registros da criação de irmandades de Nossa Senhora do Rosário em 1704, na Vila do Serro, que, a partir de 1711, foi chamada de Vila Rica e, posteriormente, de Ouro Preto<sup>18</sup>.

Embora preservassem tradições africanas, as irmandades “de homens pretos”, como eram chamadas, se dedicavam ao aprendizado dos ensinamentos cristãos, pois a religião católica estava presente na África desde o contato dos portugueses com o Reino do Congo, a partir de 1485<sup>19</sup>.

O culto a Nossa Senhora do Rosário foi introduzido na África pelos missionários católicos dominicanos durante os primeiros contatos dos portugueses com os povos da região do Congo, Ndongo e Matamba. Já a devoção a São Benedito e a Santa Efigênia pelos africanos e seus descendentes surgiu no Brasil pela identificação dessas pessoas com os santos negros do catolicismo popular<sup>20</sup>.

Um dos objetivos das irmandades negras foi construir suas próprias igrejas, onde os irmãos realizavam suas festas e cultuavam seus santos de devoção, já que não podiam frequentar as igrejas dos brancos<sup>21</sup>.

Outro objetivo das irmandades era conseguir a alforria para seus membros, ou seja, o pagamento em dinheiro que o escravizado devia fazer ao senhor para obter sua liberdade. Aqueles que conseguiam se libertar da opressão da escravidão se uniam às irmandades para comprar a liberdade de outros irmãos. Quando foi proclamada a abolição da escravidão, uma boa parte dos negros já era livre graças à atuação das irmandades.

Elas também socorriam os irmãos em dificuldade, auxiliavam os doentes e, em casos de morte, garantiam um enterro cristão aos seus membros. Através da ação das irmandades, os negros livres podiam se organizar em comunidades e estreitar laços de solidariedade entre si, desenvolvendo trabalhos comunitários e dando assistência aos mais necessitados<sup>22</sup>.

As festas para os santos de devoção eram momentos importantes para as irmandades, quando também eram escolhidos os reis negros, coroados na igreja e festejados com danças e cantos pelas ruas, ao som de ritmos e instrumentos de origem africana<sup>23</sup>.

Além de seu papel ritual nas festas coloniais, os reis negros geralmente eram os líderes das comunidades que os elegeram, sendo solicitados para resolver problemas que surgissem entre seus membros ou para intermediar a relação destes com os senhores ou representantes do governo colonial.

Muitas vezes, os senhores de escravos autorizavam e até financiavam as festas dos negros das irmandades, como forma de mantê-los satisfeitos e evitar rebeliões, e também para ostentá-los publicamente como escravos cristianizados. Mesmo obtendo permissão para realizar seus festejos, ocasião em que coroavam seus reis, os negros não podiam se misturar aos brancos nos eventos públicos na época colonial. Nas procissões que coroavam as celebrações católicas, os grupos de negros ocupavam os últimos lugares<sup>24</sup>.

No Brasil colônia, os membros de cada nação, ou seja, de cada grupo étnico africano, escolhiam seus próprios reis – congos, moçambiques, benguelas, rebolos, angolas, minas, entre outras nações.





A partir do século XIX, todos os reis eleitos pelas irmandades passaram a ser chamados de reis do Congo ou reis congos, independente de sua procedência étnica. Ao longo do tempo, já com raízes nas novas terras, africanos e seus descendentes vieram a se reconhecer como grupo na construção de uma identidade africana e afrodescendente, de caráter mais geral. Isso ocorreu principalmente porque o reino do Congo mantinha relações comerciais e políticas com Portugal, tendo o catolicismo sido adotado como religião oficial pelo reino africano desde o final do século XV<sup>25</sup>.

A adoção de formas de organização vindas da Europa, como as irmandades religiosas, permitiu aos negros escravizados preservar e reelaborar tradições culturais e religiosas africanas, e, ao mesmo tempo, assegurou-lhes meios de participação social e política na sociedade colonial<sup>26</sup>.

## A história de Nossa Senhora do Rosário

João Lopes

Vou contar pra vocês a lenda do aparecimento de Nossa Senhora na beira do mar, uma história contada pelos antepassados, pelos negros velhos. Nada disso está escrito, é uma história que a gente preserva até hoje<sup>27</sup>. Os negros na senzala, eles apanhavam de chicote, eles morriam na roda de navalha... Os negros não gritavam, eles só gemiam. E falavam pros pequeninhos:

– “Não chora, minhas *zantia*, não chora, que cativoiro acaba um dia”.

Dizem que, quando os negros estavam na senzala, um menino pequeninho falou com um negro velho:

– Ô minha *zampai*, eu *zavi* o *zimuié zibonito* lá no *menha menha di carunga uaiá* (Meu pai, eu vi a mulher bonita lá nas águas do mar).

*Menha menha di carunga uaiá* significa muitas águas, é o mar. – *Ela tá rapossada no matamba na bera di carunga uaiá* (Ela estava sentada em cima da pedra na beira do mar).

Então o negro velho disse pro menino:

– Minha filho, nego véio não gosta que *zimenino zifala zimentira*, porque vossa mecê sabe que preto não pode falá *zimentira*, porque se nego *zifalá zimentira*, ele apanha ou *zimorre* apanhando de sinhô branco. (Meu filho, negro velho não gosta que menino fale mentira, porque você sabe que preto não pode falar mentira, porque se negro falar mentira, ele apanha ou morre apanhando do senhor branco).

– Não, minha pai, eu num tô falando *zimentira* com o sinhô não, eu vi a *zimuié* bonita. (Não meu pai, eu não estou falando mentira com o senhor não, eu vi a mulher bonita).

Por três vezes, ele disse isso. Quando chegou na quarta, um dos negros acompanhou esse menino e chegou na beira do mar,



Carlos Julião



Paulo Dias

Imagem de Nossa Senhora do Rosário na igreja da Irmandade do Jatobá.

então ele viu aquela mulher bonita sentada em cima da pedra, com uma luz na cabeça.

Então, esse negro voltou pra senzala e contou pro senhor. O senhor arrumou uma grande caravana de brancos e foi lá pra tirar Nossa Senhora. Ele trouxe ela pra fora do mar. Fez uma igreja pra ela, pôs ela lá num quartinho. Quando eles voltaram no outro dia, ela estava sentada lá na água de novo. Eles tornaram a buscar e trouxeram pra igreja deles. No outro dia, ela estava lá na pedra sentada novamente, na beira da água.

Aí os negros foram e pediram licença ao senhor pra ir na beira do mar cantar pra Nossa Senhora. Como eles não tinham instrumentos na senzala, pediram licença a seu senhor pra fazer instrumentos pra cantar pra aquela mulher bonita. O senhor respondeu pra eles:

– Desde que vocês não cortem uma árvore que esteja verde... A madeira, se estiver deitada no chão, vocês podem pegar.

O preto velho que me contou essa história na época tinha 110 anos e eu, sete. Segundo diz a lenda, os negros foram no mato, cortaram três paus ocados, botaram folha de inhame africano na boca dos paus e foram cantar pra Nossa Senhora. Chegou lá, eles bateram, deu som. Então eles cantaram assim:

*Anaruê, anaruê, anaruê*  
*otamba unê iandamba berê berê di carunga*  
*anaruê, anaruê, anaruê*



E abaixaram a cabeça, batendo o candombe e cantando. Quando eles levantaram a cabeça, Nossa Senhora estava no meio deles. Nesse momento, os brancos ficaram com raiva dos pretos, e o senhor mandou bater neles de chicote... Eles dançando o candombe e cantando. Então esse senhor levou a santa pra casa dele e proibiu os negros de conversar com ela. Quando foi no outro dia, a santa não estava mais lá, e ele disse que tinha sido os negros que tinham roubado a santa. Aí aquele menino falou:

– Ô sinhô, quem sabe ela tá lá de novo, ela vortô pra lá.

Quando ele foi lá, a santa estava lá na pedra. Aí o senhor liberou os negros pra ir cantar pra Senhora do Rosário. Então, eles foram cantar pra ela com três tambus grandes: Santana, Santaninha e Chama. Quando eles estavam cantando, a santa voltou e parou no meio deles. Os brancos mandaram bater nos negros, enquanto eles cantavam. Os negros pararam de bater o candombe. Foi então que Nossa Senhora sentou no



Do lado esquerdo da foto, com o crucifixo no peito, está o capitão João Lopes e, ao seu lado direito, o capitão Matias, em 1994.

tambu grande, o Santana, e lá ficou até que se resolvesse a questão. Esse é o respeito que nós temos por esses três instrumentos, chamados de candombe da coroa de Nossa Senhora. Então os negros fizeram uma choupana de sapé, e colocaram dentro dela a Senhora do Rosário, mãe de **Zambi**, e por ali ela ficou até que construíram uma igreja para pôr a santa. A partir daí, os negros começaram a criar o reinado de Nossa Senhora dentro da senzala.

Nossa Senhora chorou ao sair do mar e ver a simplicidade, a humildade, a fé dos seus filhos negros, que estavam sofrendo aquele martírio sem precisar. A lágrima dela caiu no chão, e onde as lágrimas caíram, brotou um pé de capim. Desse pé de capim, nasceram umas fulozinhas (florzinhas). Das fulozinhas, nasceram umas frutinhas... Dessas frutinhas é que o negro fez o seu rosário, o seu rosário dos sete mistérios, com sete ave-marias. Então se deu o nome de conta das lágrimas de Nossa Senhora. E dessas lágrimas de Nossa Senhora é feita a guia verdadeira do congadeiro e do reinadeiro que venera o rosário de Maria, que a põe no seu pescoço pra dançar o reinado. A guia verdadeira de dançar o reinado é o terço ou o rosário de Maria, porque nos outros rituais afro-brasileiros, cada orixá tem a sua guia especializada. Dessas contas do rosário de Maria, nós congadeiros temos o privilégio de fazer o símbolo que Maria trouxe em sua cabeça quando apareceu lá dentro do mar: a coroa do rei e da rainha perpétuos do reinado de Nossa Senhora. E eu tive o privilégio de receber o dom do Espírito Santo, a força de nossa mãe, Maria Santíssima, de seu filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, para, com essas contas de lágrima de Nossa Senhora, confeccionar com minhas mãos os rosários e coroas da Irmandade do Rosário do Jatobá.

**Zambi** significa Deus para os congadeiros. A palavra vem de *Nzambi*, nome da divindade suprema entre diferentes povos banto.



Lágrimas de Nossa Senhora plantadas na aldeia Tenondé Porã do povo Guarani, no município de São Paulo.

### A fala dos negros na linguagem usada por João Lopes em sua narração

João Lopes demonstra que os negros africanos escravizados falavam suas próprias línguas e que a língua portuguesa era uma segunda língua, para eles, uma língua de estrangeiros. A maioria dos falantes de uma segunda língua tem sotaque porque articula os sons de acordo com a sua própria língua: Minha filho, nego véio não gosta que zimenino zifala zimintira... O uso da partícula *zi* ou *ji* pelos africanos, quando falam o português, vem de uma característica das línguas banto de se colocar diferentes prefixos diante das palavras para indicar, por exemplo, o singular ou o plural.





Carlos Julião

## Notas do Capítulo 1: O que é reinado

1. SOUZA, Marina de Melo e. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p.13.
2. RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil**. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 6. Coleção Folclore 5, p. 13.
3. DIAS, Paulo. "A outra festa negra". In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, p. 14.
4. CALMON, Francisco. **Relação das Faustíssimas Festas**. Rio de Janeiro: Edições Funarte/INF, 1982, p. 14.
5. DIAS, Paulo. "A outra festa negra". In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, p. 14.
6. Ibid, p. 14.
7. Ibid, p. 15.
8. MARTINS, Saul. **Congado: família de sete irmãos**. Belo Horizonte: SESCOG, 1988, p. 15.
9. GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Negras raízes mineiras. Os Arturos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998, p. 15.
10. DIAS, Paulo. "A outra festa negra". In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001, p. 15.
11. MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá**. Belo Horizonte: Ed. Perspectiva: Mazza Edições, 1997, p. 15.
12. Ibid, p. 16.
13. SOUZA, Marina de Melo e. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 17.
14. Ibid, p. 17.
15. Ibid, p. 17.
16. SILVA, R. **Negros católicos ou Catolicismo negro?** Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 18.
17. Ibid, p. 18.

18. SOUZA, Marina de Melo e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Editora Ática, 2007, p. 19.
19. SILVA, R. **Negros católicos ou Catolicismo negro?** Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 19.
20. SOUZA, Marina de Melo e. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 19.
21. SOUZA, Marina de Melo e. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Editora Ática, 2007, p. 19.
22. Ibid, p. 19.
23. Ibid, p. 19.
24. Ibid, p. 20.
25. Ibid, p. 20.
26. Ibid, p. 20.
27. SILVA, R. **Negros católicos ou Catolicismo negro?** Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 20.



Ritielly Caroline Pereira Barroso

Thainá Fernanda Pereira de Souza

